

O DUPLO COMO OUTRO-INIMIGO: ÉTICA E POLÍTICA NA PÓS-MODERNIDADE

Rosana de Souza Coelho

Trabalho Individual

"Quando pela primeira vez olhou a sua nova fisionomia sentiu um fortíssimo impacto interior (...) Era como se, por aparecer diferente, se tivesse tornado mais ele mesmo (...) Uma necessidade angustiosa de conservar a imagem o fez dirigir-se a um estabelecimento fotográfico longe do bairro onde vivia, para que lhe tirassem o retrato. [E]queria um retrato cuidado, que lhe desse gosto guardar e contemplar, uma imagem de que pudesse dizer a si mesmo, Este sou eu" (Saramago, 2008, p. 146). Na novela de José Saramago, "O homem duplicado", essa passagem descreve o momento em que Tertuliano, professor de História, decide ir ao encontro de seu *duplo*, o ator de segundo escalão António Claro. Então, compra adereços em uma loja de disfarces e, diante do espelho, compõe "outra imagem", numa tentativa de demarcar mais claramente a tênue fronteira entre o eu e o outro. O fenômeno do *duplo* foi tematizado por Freud, no bojo de seus estudos sobre o *estranho*. Nestes, ele concebe o *estranho* como aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido e há muito familiar. Freud lembra que inicialmente o *duplo* foi tomado pelo ego como uma segurança contra sua destruição, passando depois a "estranho anunciador da morte". Relacionado a causas infantis, o *duplo* brota do amor próprio ilimitado e vai sendo progressivamente investido pelo eu, o qual lhe atribui características que pertenceram ao antigo narcisismo não superado dos primeiros anos. Com Lacan, vemos que as aparições do *duplo* são tributárias do estágio do espelho, momento em que o eu experimenta-se como unidade imaginária, emergindo como esta "instância de engano" onde o mundo se reduz ao seu ponto de vista. Isidoro Vegh aponta que, tanto em Freud quanto em Lacan, a condição primeira de existência do sujeito é o reconhecimento do "não-eu", de algo que lhe é exterior, isto é, "se não se constitui um não-eu, um não-sujeito parte da estrutura, não há a possibilidade de uma primeira inscrição como sujeito" (Vegh, 2005). Temos, assim, a radicalidade extrema do reconhecimento da vigência do outro como condição e parte do sujeito. Reconhecimento mesclado tanto pela violência quanto pela negação da presença do

outro, o qual enseja uma modalidade de relação intersubjetiva para sempre pautada na economia do desejo e do gozo. E é por iniciar-se na violência-negação, que o encontro com o outro vai atualizar incessantemente o desejo de tomá-lo em sua totalidade e na totalidade de seu gozo. Contudo, neste ato, o eu encontra a inexorável opacidade do outro, perdendo a imagem que este lhe revela e que lhe faz falta. O que o eu encontra neste ato é o outro como parte de sua história, enredado na trama significativa que lhe inscreve como sujeito (Vegh, 2005). Tal nos parece ser o que aponta Lacan no seminário XVI, onde retoma a máxima cristã “Amarás teu próximo como a ti mesmo”, para pensar o fio languageiro que une o eu, o outro e o Outro. Ali, resume em um dito aquilo que atesta o enlace constitutivo do eu com o outro: “O próximo é a iminência intolerável do gozo”, quer seja o gozo que o outro exerce em relação a mim, quer seja o meu em relação ao meu próximo. Vegh pergunta quais são as formas do outro quando este se apresenta como próximo. Propõe que podem ser quaisquer, do amigo ao traseunte ocasional, desde que apareça uma “dimensão invocadora”, que pode ser tanto a palavra quanto o olhar: “É na medida em que há invocação que o outro advém à dimensão de próximo”. Contudo, diz o autor, que o outro advenha como próximo não assegura sua bondade, pois pode ser também sua ruína. Após um encontro, Tertuliano e António Claro decidem nunca mais se encontrar. Contudo, na manhã seguinte, o professor resolve enviar uma barba postiça ao ator. Sentindo-se desafiado, António Claro investiga a vida de Tertuliano e descobre que ele namora Maria da Paz. A resposta vem à galope: o ator telefona à Maria da Paz, finge ser o professor e a convida para passarem a noite juntos. Antes disso, comunica ao professor a sua decisão e toma-lhe emprestado as roupas, o carro e os documentos. A reação do professor não é diferente: vai à casa do ator e ocupa seu lugar na cama com sua mulher, Helena. No dia seguinte, Tertuliano fica sabendo da morte de Maria da Paz e de António Claro em um acidente com seu carro. Então decide revelar sua identidade à Helena e assumir o lugar do ator como seu marido. Durante o enterro de António Claro, Tertuliano está sozinho em casa e atende o telefone. A voz do outro lado, exatamente igual a sua, lhe fala de semelhanças físicas e insiste em marcar um encontro. Tertuliano argumenta que não acredita em tais semelhanças, mas, após alguma relutância, aceita o encontro. Desliga o telefone, pega uma folha de papel e escreve, sem assinar: “Voltarei”. Vai ao quarto, abre a gaveta onde está a pistola e a

carrega. Muda de roupa, camisa lavada, gravata, calças, casaco, os melhores sapatos. Entala a pistola no cinto e sai. Quem é esse outro que, em sua condição de *extimidade*, exhibe uma forma ao mesmo tempo semelhante e diferente de gozar? Este outro é o semelhante, a imagem constitutiva e alienante, experimentada como um intruso, que invade e rivaliza com o eu pelo mesmo lugar imaginário. É, ainda, o “eu ideal” enquanto imagem esculpida pelos significantes do Outro do discurso, o qual jamais está ausente e incide na díade imaginária eu-outro, condição de existência do laço social (Quinet, 2012). Lembremos que Lacan (1972) chama de discurso às modalidades de gozo que compõem o laço social, e forja o Discurso do Capitalista para assinalar que, sob a queda de Deus, o reinado da ciência e da tecnologia tem como corolário a instrumentalização do gozo, imprimindo uma ética e uma política que não é sem efeitos para a subjetividade. O campo social e político pós-moderno exhibe uma multiplicidade de discursos, mas que parecem erguidos em uníssono. A subjetividade, paradoxalmente múltipla e uniformizada, revela um incremento da angústia diante do *duplo*, levando o sujeito ora a intensificar o refúgio no narcisismo das pequenas diferenças ora a por em ato a violência que resulta na eliminação do outro. Fuks (s/d) observa que uma ética que reconheça a impossibilidade de se ter uma identidade fixa e imutável, pode impedir a viabilidade de projetos políticos totalizantes, que repudiem a diferença como constitutiva da dinâmica social. Ética que resista à tentação do Soberano Bem, na qual o reconhecimento do desejo do outro não “espelhe”, necessariamente, uma ameaça ao eu, mas possibilite que a submissão aos códigos comuns coabite o encontro com a singularidade de cada um. Ética que possa ser o esteio de uma política do Real, onde o fazer político não exclua o resto que resiste à inscrição na Lei, e reconheça, justamente aí, a potência da transgressão criadora. Ato ético-político que se propõe a trabalhar com o impossível. Ato psicanalítico.